

'A casa não morrerá'

No ano em que se assinala o 40.º aniversário da independência de Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe, e o meio século do encerramento da Casa dos Estudantes do Império, a União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa (UCCLA) e a Câmara Municipal de Lisboa organizam uma exposição em homenagem aos milhares de alunos que, entre 1944 e 1965, usaram este espaço como 'farol de liberdade'. Um farol que ainda hoje alumia

Texto de **Patrícia Cintra** Fotografias de **Raquel Wise**

No número 23, da Avenida Duque D'Ávila, em Lisboa, ouvia-se N'gola Rítmicos, lia-se **Quinaxixe**, de Arnaldo Santos, ou **Poemas**, de Agostinho Neto. Havia bailes, organizavam-se piqueniques e discutia-se política e literatura. No ano em que se assinala o 50.º aniversário do encerramento da Casa dos Estudantes do Império, a UCCLA (União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa) e a Câmara Municipal de Lisboa organizam uma exposição que conta a história de um espaço que se transformou num pólo cultural, social e político daqueles que se tornaram o rosto de Angola, Moçambique ou Cabo Verde independentes. Falamos de Agostinho Neto, Amílcar Cabral, Eduardo Mondlane e mui-

tos outros. Uma mostra que está patente em Lisboa, nos Paços dos Concelhos, mas que deverá fazer um périplo por todos os países africanos de língua portuguesa, segundo adiantou Jorge Mangorriinha, o curador.

«É uma exposição sintética, mas que consegue ter de tudo um pouco: desde iconografia, elementos tridimensionais, música e também imagens do arquivo da RTP [Rádio Televisão Portuguesa]», explica. E é ao som dos N'gola Rítmicos que entramos nesta história. Uma história que começou em 1944 e que tem o seu último capítulo a 2 de Setembro de 1965. «A Casa dos Estudantes do Império [CEI] foi um farol de juventude, de liberdade, para an-
terver um mundo novo que já esta-

va a acontecer lá fora, para além do império português. E foi também um dos principais suportes físicos para os estudantes se unirem com o objectivo de libertação e de luta contra o colonialismo». Mas iria ser muito mais do que isso. Como escreveu o moçambicano Luís Bernardo Honwana, «a Casa foi, a despeito da sua pequenez, um pequeno farol de juventude para um mundo novo». Um mundo que se começou a desenhar com o final da II Guerra Mundial, quando progressivamente os territórios ultramarinos de (quase) todos os países foram conquistando a sua liberdade. «Ao mesmo tempo, o regime português sublinhava que Portugal não era um país pequeno e mantinha o seu território colonial.

No fundo, é contra este estado de coisas – no revés do desenvolvimento que se gerava no resto do mundo – que alguns estudantes da Casa começaram a reagir». Rapidamente, estes jovens foram criando laços que começaram pelo convívio próprio do meio estudantil. De piqueniques a saraus, não esquecendo os concertos – «temos aqui uma fotografia do Milo do duo Ouro Negro num espectáculo na CEI» –, que acabaram por desembocar numa cultura política e literária vencedora, tendo como objectivo as independências dos seus países. A ilustrar este fervilhar de ideias, a exposição repesca desde textos do escritor angolano Manuel Rui, fotografias de Agostinho Neto a falar durante uma conferência,

poemas de Luandino Vieira, sem esquecer o testemunho de Mário Pinto de Andrade, fundador e primeiro presidente do MPLA, de Amílcar Cabral ou do escritor angolano Carlos Ervedosa.

E se inicialmente não havia a preocupação de editar, a partir de certa altura essa edição tornou-se absolutamente necessária, tal como a observação do que se passava fora das fronteiras portuguesas. Foi neste contexto que nasceu o Centro de Estudos Africanos, que funcionou entre 1951 e 1953, entrando posteriormente na clandestinidade total. Tratava-se de um espaço para se debater as identidades culturais e históricas dos países africanos, e de onde nasceu a **Poesia Negra de Expressão Portuguesa**. ▶

Em 1963, quando Luandino Vieira ganha o prémio com a obra **Luanda, grafitarum na Sociedade Portuguesa de Autores: «agência dos terroristas na metrópole»**

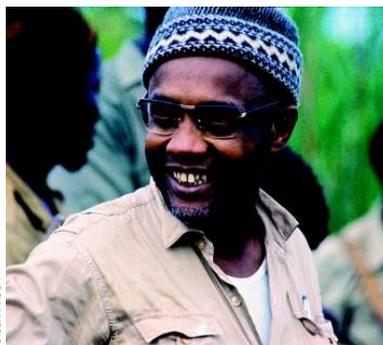


A CASA EM NÚMEROS

Em 21 anos, de 1944 a 1965, passaram pela Casa dos Estudantes do Império 3.270 alunos: 961 de Angola (34%), 458 de Moçambique (16,2%) e 286 de Cabo Verde (10,1%). E apesar de todos os constrangimentos da altura, desses

3.270 estudantes, houve 649 mulheres que frequentaram este espaço, tirando cursos de Engenharia, Medicina ou Direito, lado a lado com os seus colegas das casas de casa. «Na inauguração, algumas dessas pessoas estiveram presentes. E hou-

ve familiares que reconheceram os seus. Estávamos à espera que isso acontecesse mas é sempre emotivo. Por isso, reforço a ideia de que esta exposição deve ser divulgada em todos os países aqui representados».



AMÍLCAR CABRAL veio de Cabo Verde estudar



AGOSTINHO NETO, figura incontestável da Casa



EDUARDO MONDLANE também passou pela Duque D'Ávila



FOTOGRAFIAS, diplomas, cartões de estudantes e recortes de jornais ilustram os 21 anos de vida da Casa dos Estudantes do Império

Há uma fotografia de Milo MacMahon, do duo Ouro Negro, em pleno espectáculo na Casa

Com tanto dinamismo político e literário, a presença da PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado português) tornou-se mais ostensiva e a situação da Casa foi-se agudizando. «Quando Luandino Vieira ganhou com Luanda (1963) o prémio da Sociedade Portuguesa de Autores (SPA), houve por parte

de quem não estava na mesma onda, uma intervenção maldosa contra a SPA. Escreveram na porta: agência dos terroristas na metrópole». E se a PIDE em momento algum se afastou destes estudantes, a partir dos anos 60 a sua presença tornou-se verdadeiramente ostensiva. «A partir de 1946 os corpos di-

rectivos já são alvos de vigilância policial, e rapidamente tudo aquilo que se escrevia passou a ser objecto de um controlo por parte da PIDE». Tanto assim foi que, em 1961, saíram clandestinamente de Portugal 120 estudantes da CEI. «A PIDE tentou sempre controlá-la até que a 2 de Setembro de 1965 se efectiva-

fecho da casa. Manuel Rui, no *Sabor das Palavras*, escreve nessa ocasião: 'Apenas foi despojada a sua frequência física, porém a casa continua a vaguear como cazumbis que percorrem sonhos e corroem pesadelos. Por isso, viva o sabor das palavras'. Jorge Mangorrinha acrescenta: «perdurou porque efectiva-

mente os anseios de toda essa gente que por lá passou se concretizaram na independência dessas províncias ultramarinas. Devemos repensar a CEI e sublinhar aquilo que de bom efectivamente aconteceu, de uma cultura política a uma cultura literária. Esta casa pode continuar a ser o tal farol, não só de liberda-

de, mas de solidariedade e de partilha». E à frase escrita na parede, 'A Casa dos Estudantes do Império não morrerá, não!', Jorge Mangorrinha conclui: «não morrerá nunca! Está na memória e deve ser algo que devemos alimentar para novas relações».

patricia.cintra@sol.pt

A Casa dos Estudantes do Império pode continuar a ser o tal farol, não só de liberdade mas de solidariedade e partilha



O QUE SE ESCREVIA: poesia de Agostinho Neto, de Arnaldo Santos e de António Cardoso



CONVÍVIO: uma das imagens de marca destes estudantes



A HISTÓRIA DA CEI contada em seis núcleos



JORGE MANGORRINHA, o curador desta mostra